

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A - 1.º e 2.º Andares - Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Foros & Censos

Como director do Arquivo Municipal de Guimarães, fartei-me, o ano passado, de mandar passar certidões do que a respeito de Censos e Foros devidos à Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira constasse, por causa da remissão obrigatória imposta por Lei a esses encargos.

Os Foros pagam laudémio; os Censos estão isentos dele.

De sorte que os proprietários sobre quem pesam aqueles encargos têm toda a vantagem em saber se o que a Lei lhes obriga a remir é Fóro ou é Censo.

No Arquivo Municipal de Guimarães há três secções que herdei da Colegiada: D. Priorado; Cabido; Coraria.

Cada uma destas secções tem o seu Mostrador, onde se encontram exarados os Foros e Censos que eram o rendimento da Real Colegiada.

Pelo que se refere ao Cabido, não há grandes observações a fazer. No Mostrador respectivo, indica-se o Tombo onde se encontra registado o contrato de emprazamento a que se refere cada Fóro ou Censo.

Na secção do D. Priorado, há falhas lastimáveis. Na secção da Coraria, é uma desgraça.

De sorte que os interessados ao requererem certidão do que consta, se são foreiros ao Cabido ainda podem, pela indicação do respectivo Mostrador, fazer a prova documental do que se trata: ou Fóro ou Censo.

Mas os foreiros ao D. Priorado ou à Coraria, só por um acaso absolutamente fortuito podem fazer tal prova.

Informam-me, e eu chamo a atenção do Ministério das Finanças para o caso, que a secção de Finanças de Guimarães não faz caso das declarações das certidões autênticas passadas pelo Arquivo, e donde consta o que está nos Mostradores da Colegiada, e considera tudo Foros, sujeitos por conseguinte a laudémio.

E quando o interessado reclama, exige-lhe a escritura do emprazamento.

No antigo direito, ensinava-se que no caso de dúvida entre tratar-se de enfiteuse ou de censo, se devia presumir este último, por ser menos oneroso (in Coelho da Rocha, *Instituições do Direito Civil Português*, § 583, in fine).

Era este, creio eu, o critério a adoptar, e não o contrário.

E note-se: não é bem o caso de dúvida que se levanta perante a secção de Finanças. Esta não tem diante de si casos duvidosos; tem, sim, certidões autênticas que atestam que tal encargo é Fóro, e tal outro é Censo, segundo o que está nos Mostradores consultados que, até prova em contrário, não podem ser acoviados de falsos ou tendenciosos.

Quando nos Mostradores se ler — *Censo de...*, a ninguém é lícito ir apagar a expressão que lá está, e substituí-la por — *Fóro de...*, a não ser que conhecido o título de Emprazamento por ele se averiguasse que de Fóro se tratava e não de Censo.

O interessado, fundado no que o Mostrador lhe ensina, garante que tal ou tal encargo é Censo e não Fóro.

Quem contesta tem que provar. Se a Secção de Finanças entende que não é de Censo que se trata, mas de Fóro, só tem uma coisa a fazer: prová-lo.

Agora, lançar a suspeita de menos verdadeira sobre a certidão autêntica que lhe é apresentada, e seu conteúdo, fielmente extraído dos Mostradores da Colegiada, não está certo, e é impossível que o Ministério das Finanças sancione tal coisa.

E se a Secção de Finanças de Guimarães duvida de que os Censos sejam Censos, e os considera Foros, alegando que desconhece os títulos de Emprazamento, porque é que nunca considera Censos os Foros, quando, por falta dos títulos de Emprazamento, também só sabe que são Foros, pela afirmação das certidões do Arquivo Municipal?

Então estas certidões só merecem fé, quando atestam que se trata de Foros, e não merecem crédito quando certificam que se trata de Censos?

Porque chegaram até mim reclamações ou observações, não posso deixar de chamar a atenção das entidades competentes para o que se passa, porque se está a proceder com menos justiça e menos legalidade.

Se os Tribunais da 1.ª instância que vão decidir dos pleitos repararem na realidade dos factos — nada perdido, porque os interessados encontrarão neles protecção e defesa.

Não sei se é disparate. Mas eu lembro aos tribunais que talvez não fosse inconveniente o conhecimento directo do Arquivo Municipal, uma visita às

A água

O problema do abastecimento da água à cidade não deve ou antes não pode de forma alguma ser adiado por mais tempo. Não queremos que a sua solução prejudique as Festas das Comemorações Centenárias, pela grandeza e brilhantismo das quais todos os vimaraneses se devem interessar tanto quanto possam, mas também não podemos considerar adiável a solução do problema da água. Se há quem ignore algumas das consequências a que tem dado lugar a falta dela, nós não as ignoramos e até temos conhecimento de alguns casos que fazem corar de vergonha todo e qualquer bom vimaraneses.

Vem isto a propósito da louvável intenção do Senhor Presidente da Câmara colocar o caso da água no primeiro plano dos melhoramentos Municipais, sem prejuízo, é claro, dos que devem efectuar-se para a realização das Festas Centenárias.

Sem água não pode haver limpeza nem outras tantas coisas de primeira necessidade que andam ligadas à vida humana, à vida dos Animais e à vida das próprias plantas.

E é em obediência a este conjunto de circunstâncias que a população da cidade aplaude tudo aquilo que diga respeito a uma solução que evite a falta de água dentro do mais curto prazo de tempo.

Isto de adiamento deve terminar o quanto antes, por que a população da cidade não pode continuar à mercê das contrariedades que a falta de água provoca. Temos o passado já longo, a dar-nos razão e ainda no ano findo, em que a estiaagem foi muitíssimo grande, toda a gente verificou que nem água havia em suficiente abundância para casos de incêndio.

E em face disso, pergunta-se: Pode continuar sem solução o problema do abastecimento de água à Cidade? Não, mil vezes não!

Novos prazos de adiamento passarão à categoria de crimes. Por isso, snr. Presidente da Câmara, a população da Cidade confia em V. Ex.ª, que tantas provas tem dado de bem desempenhar o lugar que mais uma vez voltou a ocupar. V. Ex.ª quer — e muitíssimo bem — que o problema da água fique em primeiro lugar. Assim deve ser e assim o desejam os habitantes da cidade.

Um Municipio.

espécies em questão, para se evitar juízos precipitados e infundados.

De qualquer forma, impõe-se a intervenção do Ministério das Finanças, no sentido de esclarecer condignamente os seus funcionários.

Alfredo Pimenta.

N. da R. — Por informações fidedignas sabemos que a Direcção Geral da Fazenda Pública, considerando absolutamente justas as considerações feitas na imprensa pelo Ilustre Escriptor Sr. Dr. Alfredo Pimenta, sobre «Foros & Censos», resolveu atendê-los para o que tomou as necessárias providências.

Trata-se de mais um alto serviço prestado aos vimaraneses interessados no assunto, sendo atendidos, devido à intervenção do muito digno Director do Arquivo Municipal de Guimarães, os Censuários da Colegiada de Guimarães.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

Alma incompreendida

... P'ra quê, se tudo isto é ilusão?...

*A vida que vivi julguei-a forte,
Viril, cheia de graça e vibração,
Quando afinal vivi da própria morte...*

*Corri a vida inteira em turbilhão
Tam longe da ventura e boa-sorte,
Que vejo, frio e morto, a negridão
Da vida que vivi sem rumo e norte...*

O que resta de mim, deste meu eu?...
*Porque é que teima a morte em dar-me vida
Se a minha vida há muito se morreu?...*

*Sou um morto, uma alma incompreendida,
Que de rastos, na terra, espreita o céu
E que retarda a hora da subida...*

Junho de 1939.

DELPIM DE GUIMARÃIS.

PROBLEMAS MUNICIPAIS

O assunto dominante, aquele que nos últimos tempos mais tem interessado a população vimaranesa e que com mais frequência tem feito mexer o bico da pena de algumas pessoas categorizadas, tornando, assim, mais apertosa a leitura dos jornais locais, é o que se refere aos problemas Municipais. São esses, de facto, os problemas que mais interessam ao progresso da cidade e concelho e necessário se torna que se assente num plano de realizações que obedeça às necessidades mais urgentes da população e, bem assim, às possibilidades financeiras do Municipio. E' dentro desse principio que os chamados problemas Municipais devem ir sendo resolvidos, visto que o contrário não se pode integrar na boa eficiência de um plano de Administração Municipal.

Assim como a construção mais grandiosa não pode existir sem que previamente se elabore o plano geral da sua execução, no qual não se podem desprezar nenhuma das particularidades que hão de contribuir para uma finalidade de absoluta garantia, também da mesma forma não se pode deixar de tomar em devida conta aquilo que mais interessa ao bem-estar da colectividade, quando se trate de qualquer assunto que a ela diga respeito, como, por exemplo, a Administração Municipal. Portanto, há que distinguir a quantidade da qualidade, isto é, nem só à quantidade se deve atribuir a valorização dos benefícios, mas sim — e em primeiro lugar — à qualidade dos mesmos.

Por outro lado, é preciso que cada Municipio considere como filhas legítimas do concelho as freguesias rurais, nem sempre consideradas como tais. A propósito disso, dizia, há dias, «Correio do Minho»: «São cada vez maiores as dificuldades da gente das aldeias. O viver pouco desafogado dos proprietários, com suas consumições sem conta, não permitindo a realização de obras rurais — nem mesmo, às vezes, no que têm de absolutamente indispensável — acabou por lhes afectar, do mais estranho modo, toda a atribulada existência. Contando com o seu esforço, nada mais quer o povo, certo do que pode e do que vale, senão que lhe permitam ganhar, com o suor do rosto, o sustento dos filhos...»

Nas cidades, pouca gente conhece, em suas minúcias, a existência dos pobres. Para as pessoas bem colocadas na vida, a miséria, com os seus horrores tal qual os fantasmas, tem, apenas, uma vida de imaginação. E no entanto, principalmente enquanto não forem resolvidos, pelo menos em parte, os problemas da lavoura, a miséria será, com todos os males que dela nascem, nas nossas aldeias, para muita gente, o pão nosso de cada dia...

Só a resolução dos problemas da lavoura, de uma necessidade cada vez maior, poderá trazer abundância, alegria e paz aos numerosos lares; onde, apesar das suas tristezas, com os olhos brilhantes de fé — não há impossíveis para Salazar — trabalhadores activos, prontos pa-

ra todas as lides da terra, ansiosamente aguardam, crêem, esperam... Estas e outras considerações contidas no artigo de onde são transcritas e que se intitula «*Nas nossas Aldeias*» adaptam-se perfeitamente ao plano a que deve obedecer a Administração Municipal de qualquer Municipio do Pais, visto que de Norte a Sul se verifica um clamor geral nesse sentido, embora mais acentuado no Norte, como muito bem o demonstrou na Assembleia Nacional o Ilustre Deputado sr. Dr. Alberto Cruz, quando da sua brilhante exposição sobre a crise da lavoura nortenlia e respectivas consequências.

Há, pois, motivos vários para se olhar a sério pela sorte dos habitantes das freguesias rurais, uns porque precisam de melhoramentos para valorizarem os seus produtos agrícolas e outros porque precisam de trabalho para aliviar a sua vida de duras agruras...

Dessa forma, os benefícios recebidos pelos primeiros revertem, por sua vez, pelo menos em parte, em benefícios para os segundos, porque a vida desafogada do proprietário permite-lhe empreender melhoramentos e, conseqüentemente, criar trabalho. E como o Estado não pode — só por si — resolver de uma *assentada* essa crise de trabalho, compete aos Municipios a inclusão da parte dessa tarefa no seu plano de realizações, considerando as freguesias rurais como parte integrante dos «Problemas Municipais».

Zé da Aldeia.

Estação do Caminho de Ferro

Fomos um destes dias ver, e estudar em minúcia, o edificio da nossa estação do Caminho de Ferro.

Exteriormente, o edificio é bom, e tomaram muitas cidades de categoria — Vila Real, Vizeu, Guarda, Casteio Branco, etc. — possuir um, para o género, das mesmas qualidades de construção.

Interiormente, o edificio tem graves defeitos, e não só os do mau gosto e falta de asseio, mas sobretudo o da falta de espaço e comodidade para os serviços e para os passageiros.

Temos, pois, que se fôsse feitas obras de ampliação, remetendo para novas dependências o serviço de despachos, reservando para um amplo Salão de recepção, decentemente mobilado, essa parte central do rés-do-chão do edificio, a estação do Caminho de Ferro de Guimarães não envergonharia ninguém.

E pintadinho, é claro.

Isto para não pedirmos coisa semelhante aos «Jerónimos» para o lugar do Cavalinho.

Lêde e propagai o «Noticias de Guimarães»

Críticas Pequenas

Sábado, 17. Meio-dia solar preciso.

O medalhão do Gravador Molarinho parece ter um sorriso de contentamento ao receber os cumprimentos das tendieiras vagabundas.

Hospedas e hospedeiro rejubilam num frenesi de mútuo bem-querer.

Perto dali João Franco sente-se desafrentado daqueles miserolos tolde que lhe toliam os olhos curiosos de ver o forasteiro amigo.

Logo abaixo o Grande Afonso oferece um ar de tristeza ao pensar que tem de ser retirado do conforto da Sala de Visitas do velho Burgo e ir ser exposto às ventanias rijas que o seu Castelo agüenta.

E lá em cima, no doce remanso do Carmo, o Chafariz mimoso deixa cair umas fontes chorosas e mansinhas a ver se ainda há um Milagre de Amor que lhe poupe a ossatura bem frágil.

Pobre Chafariz!
Triste do Afonso!
Venturoso João Franco!
Feliz o Gravador!

A nossa Academia e a Brasileira irão rever as Bases do Acôrdo Ortográfico de 1931.

Deus te ponha a virtude, Acôrdo meu!

Farpas

A «libertação», de João Franco

O Conselheiro João Franco, grande amigo de Guimarães e por quem os vimaraneses, novos ou velhos, mantêm ainda bem viva uma saúde que se vai transmitindo de geração em geração, teve, na sua vida de politico, quem comprehendesse a sua acção e quem a guereasse, mórmente naquele periodo agitado que precedeu a tragédia de Fevereiro que manchou de sangue o nosso bondoso povo e cobriu de luto a gloriosa Nação Portuguesa.

E porque o povo de Guimarães é grato, e porque o povo de Guimarães sabe ser dedicado a quem o compreenda e o atenda nas suas justas aspirações, e porque o povo de Guimarães sabe prestar homenagem a quem a merece, foi levantado, num dos largos da nossa cidade, um monumento a esse beirão de nascimento mas bem vimaraneses de coração.

Todos os esforços se congregaram e toda a colaboração foi espontaneamente prestada para levar por diante a homenagem que era devida ao Homem a quem Guimarães mais ficou devendo. Porque, antes de João Franco como depois, ninguém mais soube defender, com tanta dedicação, zelo e carinho, a Terra Mãe de Portugal.

Se em tempos próprios de eleições, as promessas não faltavam, o certo é que ficavam sepultadas na urna de onde saía eleito um novo pai da Pátria.

Mas, um dia, por sugestão mal feita e logo acarinhada, João Franco viu-se rodeado daquele estendal ambulante que, aos sábados, se levantava no largo onde se levantava, também, a estátua do grande

GAZETILHA

P'ra cantar ao S. João não é preciso talento; basta só ter vocação p'ra tanger o instrumentó...

O' meu rico S. João dai-nos água com fartura p'ra não termos no verão a costumada «secura...»

O' meu rico S. João, meu Santinho milagreiro, fazei com que a Estação deixe o sujo pardieiro.

Fazei também, sem receio de que isso seja pecado, que o carroção do Correio fique na rua esmagado...

O' meu rico S. João intervi já, por favor, ponde termo à discussão, «parai» as cartas... *de amor*.

De conversa estamos cheios, ó meu Santo Marinheiro, para a frente, sem palcios, deve andar o timoneiro...

O' meu rico S. João tem pena do Chafariz, pede à dona Comissão que atenda o que se lhe diz.

O tal *casóto*, Santinho, que se ergue em frente à muralha, lá prossegue o seu caminho, ciente que ninguém ralha...

A travessa da Arrochela, ó meu rico S. João, arranjou donos p'ra ela, todos sabendo quem são.

Há cascatas pelas ruas em tua honra, Santinho; muito gajo faz das suas deitando a culpa ao vizinho.

Há fogueiras, há descantes, há foguetes e balões, também há muitos pedantes «armados» em figurões.

Meu S. João fiz-me ouvir nestas pifias chalaças; a gente procura rir, mas «isto» não vai p'ra graças.

Há muita gente a sofrer esta vida que anda torta, já se sentindo o bater da desgraça a muita porta.

BELGATOUR.

estadista e prestigioso ministro do Rei-Mártir.

Para se pôr termo àquela vergonha, lembrei, há tempos, aqui nesta secção, que se procurasse melhor lugar para se arrumarem as tendas que abafavam o preito de homenagem prestado pelos vimaraneses ao dedicado defensor dos interesses de Guimarães. Mas a vergonhosa exibição de barracas continuou ainda, até que, agora, a Câmara, numa feliz decisão que merece todo o nosso aplauso, resolveu acabar com ela.

E a estátua do Conselheiro João Franco ficou, enfim, liberta da vizinhança de barracas sujas que davam ao local o aspecto de um acampamento de ciganos e deixavam a pior impressão nas pessoas que, nesses dias, nos visitassem.

Por isso aqui estamos a louvar a atitude da Câmara e a regosijarmo-nos, como vimaraneses, pela acertada medida que tomou para a «libertação» de João Franco!

Bem haja, pois!
São João das Caldas,
21 de Junho de 1939. X. X.

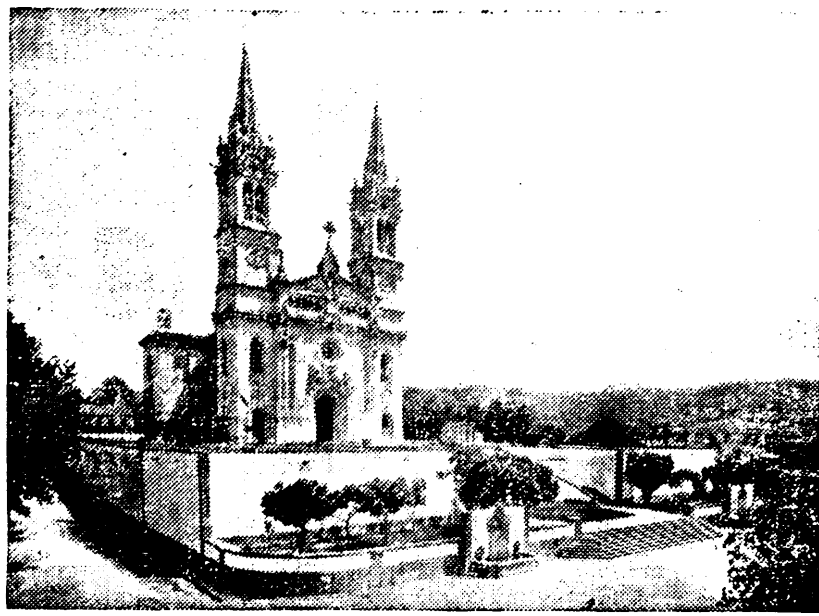
No próximo sábado, inicia-se a

Romaria Grande de S. TORCATO

Nos dias 1 e 2 de Julho próximo, realiza-se, na forma dos anos anteriores, nas proximidades desta Cidade, a Romaria Grande de S. Torcato, que promete atingir muita importância e será abrilhantada por 4 reputadas bandas de música.

No dia 1 haverá alvorada, solenidades religiosas com Vésperas, Sermão e outros actos e, à noite, vistoso arraial com iluminação, fogo e música.

No dia 2, alvorada, missa campal, missa solene a grande instrumental e sermão, magestosa Procissão seguida de um Cortejo Alegórico à vida do Santo Mártir e, à noite, grandioso arraial com iluminações, fogo de artifício e concertos por bandas de música, etc.



MAIS UM MELHORAMENTO ATÉ PARECE COM NÓS...

A iniciativa particular — quando bem compreendida por aquelas pessoas que podem concorrer para a sua expansão — é um factor valioso do progresso. Por meio dela se pode dar execução a empreendimentos de grande vulto, os quais se transformam, em muitos casos, em melhoramentos que interessam de um modo especial à população de qualquer terra.

Se, porém, outras há que interessam mais propriamente a quem os promove ou realiza, há sempre benefícios a distribuir por outras pessoas, designadamente aquelas que recebem a remuneração do seu trabalho, as que auferem determinado lucro da venda de material, etc., etc.

Por outro lado, é preciso tomar em conta a importância de muitos desses melhoramentos relativamente ao facto de concorrerem para o engrandecimento da terra em que são levados a efeito. E tanto assim é, que há terras que devem o maior quinhão do seu progresso à iniciativa particular, embora Guimarães não seja, infelizmente, uma delas.

Aqui, neste florido canteiro do lindo e aprazível jardim do Minho, a iniciativa particular tem vivido quasi ignorada.

Toda a gente reclama melhoramentos, mas por intermédio da *alavanca* do Estado ou por meio do cofre do Município. De resto, *muita parra e pouca uva*. . . No entanto, há que salientar dois melhoramentos recentes nesta terra e que se devem à iniciativa particular. Um deles — o mais importante — é o magnífico Teatro que a Empresa Jordão mandou construir e que veio resolver um assunto que tanto preocupou a população vimarense. O outro — e é esse a quem hoje me quero referir pela oportunidade assim o permitir — é o grande Armazém de tecidos do importante industrial, sr. Alberto Pimenta Machado. Esse Armazém, que há dias acabou de ser concluído, é um estabelecimento comercial que dignifica o nome de Guimarães, porque, conforme o ouvi a pessoas que sabem o que há nesse género de norte a sul do País, não é possível encontrar melhor em qualquer outra parte. Não é só a sua amplitude, da qual faz parte um espaço subterrâneo destinado a tecidos brancos, que o torna um estabelecimento importantíssimo. A junção a sua grandeza e metódica distribuição de secções — entre as quais um confortável escritório — aprecia-se, ainda, um magnífico efeito de distribuição de luz e um admirável conjunto de decorações, o que dá ao enorme Armazém, onde trabalham dezenas de empregados, uma harmonia de gosto e de sensibilidade Artística. Evidentemente que não estou a fazer reclame aos negócios do sr. Alberto Pimenta Machado, mas pretendo, no entanto, salientar a existência de mais esse melhoramento, que não pode deixar de ser classificado de importante e que é devido, unicamente, à iniciativa daquele senhor, que prova, desse modo, ser bom bairrista e não querer seguir o exemplo daqueles que o sabem juntar e não sabem distribuir. Está, portanto, de parabéns a cidade e o sr. Alberto Pimenta Machado torna-se digno de felicitações muito sinceras de todas as pessoas que gostem de ver engrandecido, por qualquer processo, o nome desta terra de Guimarães, tantas vezes vítima dos *achques* do marasmo e da das questões-culas. . .

De felicitações é digno também o sr. Capitão Duarte Fraga, o autor do projecto das instalações do referido Armazém.

E para terminar, oxalá que o exemplo da iniciativa particular continue a frutificar dentro dos limites da cidade e concelho de Guimarães.

X.
Lêde e propagai o «Notícias de Guimarães»

Duma correspondência da Figueira da Foz para o «Primeiro de Janeiro»:

«A carripana dos Correios. Uma tradição nocturna que desapareceu... e reapareceu.»

A carripana vermelha que os noctívagos usam de var, de madrugada, a caminho da estação do caminho de ferro com as malas do correio, vai desaparecendo.

A tracção animal sucede a tracção mecânica. E dentro em pouco, nas ruas por onde placidamente rodava a traquitana, vai circular veiculo novo, calçado de borracha, catita, ligeiro, trepidante, expressivo actualizado de um sistema de viação que já deu o que tinha a dar.

Pois era quasi uma tradição a carriguetola vermelha dos Correios!

Desde a côr, desbotada e suja, ao seu andar desconjuntado e às mezelas da cobertura, tudo na sua aparência desprezível a faz passar pela carroça dum magarefe exalando fartum de cêbo e chispe, só desmente essa qualidade, não o letreiro que mal se distingue, mas a caixa postal que traz ao lado para a recepção da «última hora».

Quem a veja, ao descambar das tautas, ao chouto ramerrão do cavallo machacaz, o cocheiro pachorrenco empoeirado da boleia, recosido pelo frio ou pelo sono, jámais pode esquecer este traço caricatural da vida nocturna da cidade.

Pontual à partida dos combóios, não há memória de perdê-los. O antemoderno tem uma noção tão exacta e maginial das suas responsabilidades, como o seu companheiro tem da tarefa que o leva preso entre varais — coisa que todos nós temos e a que todos puxamos. A diferença está no feitio... Lá vai ela, «cochiando», e rabujando nas depressões da calçada, a quitanda vermelha do correio.

Ali não há pressa. Vai a passo de boi. É o símbolo da pachorra. Tira-a pacífico quadrúpede machacaz que não nasceu para grandes ralacões. Ele lá sabe porque. Naturalmente, porque tendo quatro pés convenceu-se de vergosar a vida a dobrar... por dois bipedes.

Aos solavancos, gemendo as molas torcidas e desengonçadas mas sem parança, andando, andando sempre, tudo aquilo parece dominado pelo automatismo do sono: cavallo, cocheiro e carroça. Estamos em crer que os primeiros, fizeram a caminho da estação as mais felizes sonecas da sua vida!

Pois vai desaparecer, imolada ao progresso reformador, a carripana do Correio.

De nada lhe valem os serviços prestados ao interesse público durante anos e anos. Adens gratidão humana...

E que tumultuar de paixões, de sentimentos alegres e acerbos passaram por ela, sem compreendê-los, nos milhões de cartas que transportou!

É o cavallo? É o cocheiro? Que vai ser agora deles, agora convertidos em sucata e arremessados à valeta como traste inútil?

Adens sonecas felizes a caminho da estação!

— Terão eles, ao menos, direito a reforma?

Noticia fresca, fresquinha: os Correios desistiram da condução automóvel por desacôrdo de preços.

Em resumo, o cavallo continua a motorizar a carroça, a carroça a conduzir as malas e o cocheiro, na boleia, a puxar a fumaça à soneca...

E dentro destes zelos de economia e peregrino talento administrativo, a que já devenos o encerramento da Estação Telégrafo-Postal à hora do empoleirar das galinhas, também parece vão resuscitar as «malas-postas», que Deus haja.

Já agora não se esqueçam de fazer o mesmo aos postaisinhos de dez reis

e aos portes de vinte e cinco centavos por carta.

Já agora... — (C.),

Leram? Até parece com nós... não acham!

Com a diferença: Lá é só de noite e cá é de noite e de dia.

Valha-nos a D. Paciência!

Melhoramentos públicos

Dizem-nos que a Excelentíssima Câmara trabalha activamente para que dentro em breve se iniciem os trabalhos para a pavimentação, a paralelepípedos, das ruas mais centrais da nossa terra.

Bem o precisa Guimarães.

Sobretudo o Tournal, Largo 28 de Maio, Trás do Muro, Largo 1.º de Maio, Oliveira, Rua da República e Rua de Santo António, são vias públicas sobre que todos nós e os nossos visitantes não podemos continuar a andar, nas actuais condições.

Louvores à Excelentíssima Câmara.

LEGIÃO PORTUGUESA

Exercício a realizar hoje entre a Penha e a Lapinha

Entre a Penha e a Lapinha realiza hoje o Batalhão n.º 13 da L. P. reforçado com o Terço Independente de Fafe, uma marcha de aproximação.

Effectivos — Estado Maior do Batalhão — Comandante do Batalhão, 1 Tenente; Ajudante, 1 Comandante de Lança; Porta Bandeiras, 2; Médico, 1; Provisor, 1. Serviço motorizado, 1. Tropas Officiais — Comandantes de Terço, 3; Comandantes de Lança, 9; Representa o inimigo, 1 Comandante de Lança.

Chefes de Secção — Incorporados nos Terços, 18; Escolta Bandeiras, 6; Enfermeiro, 1; Vagomestres, 3; Representam o inimigo, 2; Serviço de Transmissões, 1; Mestre de corneteiros, 1.

Chefes de quinta, 54; Legionários, 338; Corneteiros, 18. Mueares de munições, 2.

Total em pessoal — Officiais, 20; Chefes de Secção, 32; Chefes de quinta, 54; Legionários, 338; Corneteiros, 18.

Total em solípedes — Mueares, 2. O municionamento é feito com 6.000 cartuchos e 120 granadas de mão.

A comparência dos legionários é feita no quartel da Legião Portuguesa às 5 horas da manhã, hora a que é distribuído o café e o pão.

O rancho da manhã é distribuído na Penha, no final do exercício, e é confeccionado pela secção de quartéis, que marcha para o local na véspera.

Assistem oficialmente ao exercício as autoridades superiores da Legião Portuguesa Distritais.

No regresso do exercício é feito um desfile através da cidade, passando em continência ao Ex.º Sr. Comandante Distrital.

Falta de espaço

Fica-nos de fora, por falta de espaço, bastante original, algum do qual foi recebido já bastante tarde. Também algumas das habituais secções não puderam ser publicadas, pelo que pedimos desculpa aos nossos prezados colaboradores.

Água! Água! Água!

Água, saneamento, luz, casas para os pobres, pavimentos de ruas, balneario, recreios para a infância e meio de locomoção para a Penha — eis as grandes realidades que devem ocupar as primeiras páginas do orçamento municipal.

Água — louvores a Deus pela chuva que nos tem mandado — não tem faltado este ano. Mas é preciso não esquecer que o problema das águas está, quanto às necessidades da alimentação, na montanha da Penha e às da limpeza, no caudal do Rio Ave.

É preciso enfrentar, científica e corajosamente o problema, custe o que custar.

... que isto é, nem toda a gente pensa assim, sabemos!...

Há poucos para quem o problema das águas está em situação inferior a um cento de mastros com bandeiras. Sume-te!... E' de negro!...

Agradecimento

JOSÉ DE OLIVEIRA PINTO, Presidente substituto da Câmara e Delegado Especial do Governo, agradece muito reconhecido a todas as Colectividades e a todas as pessoas que tiveram a gentileza de lhe apresentar cumprimentos.

Gente sem trabalho

Está mais ou menos devalada a crise dos operários pedreiros, pintores e troilhas, desta cidade e concelho.

Para isso concorreu, em grande parte, devido às suas resoluções, a Excelentíssima Câmara Municipal.

A classe dos carpinteiros, por exemplo, atravessa grande crise. Não pouco tem corrido para isto o trabalho em cimento armado. Mas a economia do concelho pede que essas centenas de braços não continuem inactivos, e Deus queira que a grande crise se resolva.

Por isso fazemos os nossos melhores votos.

Presidente da Câmara

Partiu ante-ontem para Lisboa, onde foi tratar de assuntos de interesse para o concelho, o nosso prezadíssimo amigo e ilustre Presidente da Câmara, sr. dr. João Rocha dos Santos.

Festas da Cidade

Reüniram, na terça-feira, na Associação Comercial e Industrial de Guimarães, as Comissões Executiva e Auxiliares das Festas da Cidade, tendo sido tratados diversos assuntos, referentes aos diversos números das «Gualterianas».

A Comissão das Ornatações e Iluminações fechou já contrato com os ornamentistas, srs. Bernardo Barreira, desta cidade, e Constantino Lira, de Feigueiras, para a decoração da cidade; e com o conhecido electricista Correia, da Póvoa de Varzim, para as iluminações que devem produzir este ano um efeito deslumbrante.

O fogo, que deverá ser quimado durante os três festivais nocturnos, nos dias 5, 6 e 7 de Agosto, foi confiado aos mais afamados pirotécnicos do P. Is.

A Comissão das Festas Regionais procura imprimir o maior brilho possível à Festa Regional a realizar no nosso Mercado e na qual será eleita a Rainha do Campo.

Também se trabalha activa e entusiasticamente na confecção dos diversos números da inimitável Marcha Gualteriana, a chave de ouro das nossas grandes Festas da Cidade.

Donativos para o Santuário da Penha

Foram recebidos mais os seguintes donativos:

Do Ex.º Sr. Senhor Albano de Sousa Guise — Rio de Janeiro, 1.000\$00; idem de Alvaro Ribeiro de Faria, 50\$00; idem de Manuel Guise, 100\$00.

Uma Senhora, anónima, da Póvoa de Varzim ofereceu um terço em seda branca e galão de ouro para missa cantada; a Ex.ª Sr.ª Senhora D. Custódia da Silva Branco ofereceu também uma alva ricamente bordada.

Estes objectos serão expostos na Casa das Gravatas.

Câmara Municipal

Sessão de 16 de Junho

A Câmara Municipal resolveu salutar o Sr. Presidente da República e exprimir-lhe os seus votos ardentes para que a sua visita a Cabo Verde e Moçambique constitua mais um triunfo para a Nação e para S. Ex.ª

A Câmara resolveu mais: adquirir para o Lactário Municipal 1 aparelho da Raios Ultra-Violetas, uma secretaria e 3 cadeiras; mandar que, pela Repartição Técnica se proceda ao estudo de pavimentação da estrada Municipal n.º 13 na parte ainda não pavimentada; autorizar o pagamento de 2.277\$00 à Junta de freguesia de S. Jorge de Selho para pagamento da reparação do caminho de Covêlo.

O Sr. Presidente comunicou à Câmara que da Comissão de Coordenação das Festas Centenárias a realizar em Guimarães, ficam fazendo parte os srs.: Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, Dr. Alfredo Pimenta e Presidente da Comissão Concelhia da U. N. e das Comissões de Instalações e arraiais e festas populares ficam também a fazer parte os srs. Presidentes da Associação Comercial e Industrial de Guimarães e do Sindicato Nacional dos Empregados no Comércio.

A Câmara Municipal deliberou mais: mandar desfazer a curva da estrada municipal de Brito às Taipas no lugar do Arquinho, por administração directa; adquirir uma marqueteira para o gabinete de observações do Lactário Municipal; fornecer à Junta de freguesia de S. Romão de Mesão Frio o projecto de ampliação do Cemitério da freguesia e construção do caminho de acesso ao mesmo, organizada pela Repartição Técnica.

Associação Comercial e Industrial de Guimarães

CONVOCAÇÃO

Ao abrigo do artigo 24 dos Estatutos, são convidados os sócios desta Associação a reunir em Assembleia Geral extraordinária, na sua sede, à rua da República, no dia 27 do corrente, pelas 22 horas, a fim de tomarem conhecimento dos trabalhos realizados pela Comissão nomeada em Assembleia Geral de 24 do mês passado e deliberarem sobre a transformação desta Associação Comercial e Industrial em Grémio do Comércio.

Não comparecendo número legal de sócios, a Assembleia Geral terá lugar no dia imediato, à mesma hora.

Guimarães, 21 de Junho de 1939.

O Presidente da Assembleia Geral,

José Pinto Teixeira de Abreu.

A SOCIAL

COMPANHIA PORTUGUESA DE SEGUROS

S. A. R. L.

CAPITAL ESC. 500.000\$00

Preferida pela organização da sua assistência para os

SEGUROS CONTRA DESASTRES NO TRABALHO

SÉDE — Rua Cândido Reis, 51 a 61

PORTO

Agência geral em GUIMARÃIS:

Alberto Pimenta Machado.

Delegado para a ASSISTÊNCIA:

Henrique de Sousa Correia Gomes.

da cidade

Diversas Notícias

Companhia Hortense Luz

Conforme anunciado que publicamos no nosso último número, vem a Guimarães amanhã e depois, realizando dois espectáculos no Teatro Martins Sarmiento, com as peças «Riquezas da sua avó» e «Os Bébés», a aplaudida Companhia Hortense Luz, de que fazem parte alguns elementos de valor do Teatro Português.

O nosso magnífico Teatro vai registar, por certo, mais duas enchentes.

Festejos ao S. João

Em vários pontos da Cidade, efectuaram-se ante-ontem e ontem, como é costume, os tradicionais e populares folguedos ao S. João, tendo-se presenciado as fogueiras, que juntaram à sua volta muita gente a cantar e a dançar.

No Cano, os festejos atingiram grande animação e foram muito concorridos, tendo sido abrilhantados pelas reputadas Bandas do Pevidém e dos B. V. de Guimarães, que na noite de sexta-feira se fizeram ouvir alternadamente até à madrugada. Houve, conforme o programa publi-

O MELHOR CAFÉ É O DA BRASILEIRA

cado, iluminações, fogo, exposição duma interessante cascata, bazar de prendas e muitas diversões que atraíram ao local numerosas pessoas, tanto na noite de ante-ontem, como ontem durante o dia e parte da noite.

Merece, louvores, a comissão que levou a efeito aqueles festejos. — No Parque da Casa do Povo, de Ronfe, iniciaram-se ontem, os festejos ao S. João, que foram anunciados durante o dia por salvas de morteiros. A noite, realizou-se o festival que foi muito concorrido, tendo havido iluminação, fogo, concurso de descantes com valiosos prémios e outras diversões.

O local estava vistosamente engalanado e encontram-se ali instaladas algumas interessantes barracas para a venda de comidas e bebidas. O programa de hoje, é o seguinte: Alvorada. Continuação do arraial durante a tarde, havendo corriaes de sacos, de cântaros e outros curiosos divertimentos. Será queimado vistoso fôgo de bonecos e realizar-se-á uma ginkana de bicicletas, com valiosos prémios para os vencedores.

UM PRAZER

QUE NÃO ESQUECE:

LARANJADA
LUSORANJA.
Lusoranja.

Pela Polícia

A Empresa Auto-Recoveira Vimaranesa queixou-se à polícia de que há algum tempo lhe veem sendo feitos furtos de camisolas, nas remessas que transporta para esta cidade. A polícia capturou para averiguações o guarda nocturno da mesma Empresa, Silvino de Castro, que se manteve na negativa. Depois foi feita uma busca à casa do mesmo, onde foram apreendidas algumas camisolas, após o que confessou o furto.

Boletim Elegante

Juíz de Direito

Com alguns dias de licença retirou para Vila Nova de Fozzê o ilustre Juiz de Direito desta Comarca, sr. dr. Rodolfo Artur de Abreu.

Partidas e chegadas

Estiveram entre nós, de visita a sua família, o nosso prezado amigo sr. Francisco Costa, conceituado comerciante no Porto, sua esposa e cunhada. — Regressou do Gerez o nosso prezado amigo sr. Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira.

A passar as festas do S. João, partiu para Braga o nosso prezado amigo sr. António José Vieira, digno chefe da P. de S. P., desta cidade. — Partiu para a Póvoa de Varzim, com sua família, o nosso prezado amigo sr. Arminho Coelho.

Doentes

No Hospital da Misericórdia foi submetida a uma operação, que decorreu com êxito, a sr.ª D. Deolinda Jorge, esposa do nosso prezado amigo sr. dr. Adelino Jorge. Desejamos as suas melhoras.

Com uma febre intestinal tem passado bastante incomodado o nosso prezado amigo sr. Luis Ribeiro Loureiro, funcionário da Agência da Caixa Geral de Depósitos.

Também tem passado incomodado

o nosso prezado amigo e hábil cartógrafo da V. O. T. de S. Domingos, sr. José Teixeira dos Santos.

— Na Póvoa de Lanhoso, tem estado doente a esposa do nosso prezado amigo sr. Rafael José Ferreira de Carvalho.

Desejamos as melhoras dos enfermos.

Aniversário natalício

No dia 1 de Julho passa o aniversário natalício do nosso amigo sr. Domingos Leite Correia Azenha, a quem, desde já, apresentamos os nossos cumprimentos.

Vida Católica

Senhora da Lapinha

Efectuou-se, conforme estava anunciado e na forma dos anos anteriores, a Ronda da Lapinha, que era acompanhada por muitos milhares de fiéis, não só das freguesias de todo o concelho, como também dos vizinhos concelhos de Fafe, Felgueiras, etc.

A Milagrosa Imagem deu entrada no templo de N. S. da Oliveira já depois das 15 horas, sendo aguardada no largo fronteiro por uma grande multidão de pessoas e regressou à sua capelinha de Calvos às 17 horas, atravessando a cidade por entre extensas alas de populares e no meio de cânticos religiosos e acordes musicais, tendo repicado festivamente os sinos das torres.

A passagem da procissão, no lugar da Cruz de Pedra, um devoto pediu para que o cortejo parasse a fim de colocar na imagem um cordão de ouro e um anel, de elevado valor, e em cumprimento de um voto.

Ainda a Homenagem a

Monsenhor João António Ribeiro A Pia associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus, querendo associar-se às festas comemorativas das bôdas de ouro sacerdotais de Mons. João Ribeiro, prestou-lhe na sua sede, no passado dia 16 (Dia do Sagrado Coração de Jesus), uma modesta homenagem, descerrando o seu retrato.

Usaram da palavra os srs. P.º António Cândido Pires Quesado, que disse em breves palavras o significado daquela homenagem e convidou o rev. Carlos Alberto Ribeiro, irmão do homenageado, a descerrar o retrato, acto que foi sublinhado com uma demorada salva de palmas, e Manuel de Freitas Guimarães, que em nome dos sócios daquela colectividade enalteceu as qualidades da quele que tão distintamente dirige os destinos da mesma prestante instituição.

O homenageado agradeceu e terminou num apêlo aos sócios, especialmente aos novos, para que trabalhem pela obra duplamente benemerita do ensino da doutrina às crianças.

Festas e Romarias

Festejos a Santa Catarina

Realizaram-se no domingo, conforme estava anunciado, os festejos dos Caçadores de Guimarães em honra de Santa Catarina, motivo porque a Penha registou, durante o dia, uma numerosa concorrência de forasteiros.

De manhã realizaram-se as solenidades religiosas, com missa cantada e sermão, seguida de vistosa procissão e à tarde teve lugar um animado arraial que foi abrilhantado pela reputada banda do Pevidém, e um importante torneio de tiro aos pratos, que teve a seguinte classificação:

1.º prémio (Taça Santa Catarina oferta da Câmara Municipal), José Acácio de Barros, de Paredes; 2.º, José Augusto de Barros, idem; 3.º, Alberto Carlos Abreu, de Guimarães; 4.º, Joaquim Carvalho Ribeiro, idem; 5.º, José Soares Barbosa de Oliveira, idem; 6.º, António dos Santos Teixeira, de Campelos-Guimarães; 7.º, Umberto Guimarães Pinheiro, de Guimarães; 8.º, Dr. João Machado, de Paredes.

Vende-se

Quinta do Carvalhal, de Santa Eufémia de Prazeres, pagando quatro carros de medidas e sendo distanciada de Guimarães 4 quilómetros. Informa o Sr. José Joaquim Fernandes. Rua de Camões, 64.

Assuntos Militares

Pelo Batalhão de Caçadores N.º 9, de Braga, foi feito convite aos 1.ºs cabos na situação de disponibilidade, da classe de 1937 e anteriores, domiciliados na área deste concelho, conforme a circular que se transcreve, recebida na Secção Policial da Câmara Municipal, desta cidade:

«Tendo o Ministério das Colónias requisitado 3 1.ºs cabos de Infantaria e 1 1.º cabo de Artilharia, para irem servir na Colónia de Moçambique nos termos do Dec. 13.309, de 23 de Março de 1927, e tendo a nomeação dessas praças sido autorizada, digne-se V. Ex.ª ordenar que seja feito convite às praças desta graduação pertencentes às Unidades e D. R. M. subordinadas a esse Comando, e que estejam na situação de disponibilidade ou de licen-

ciais, que tenham sido dadas prontas da instrução de recrutamento em 1937, ou de qualquer ano anterior, com mais de 20 anos de idade, devido a referidas Unidades e D. R. M. enviar directamente à 3.ª Repartição desta D. Geral, até ao dia 2 de Julho próximo, as declarações dos 1.ºs cabos oferecidos acompanhadas das respectivas notas de assentos.

Só devem ser aceites oferecimentos das praças que satisfaçam às seguintes condições:

— Terem bom comportamento militar;

— Terem sido julgadas aptas para os serviços das Colónias, pelas Juntas Hospitalares de H. M. P. ou de algum dos hospitais regionais, conforme a sua residência.

Os 1.ºs cabos desta Unidade que aceitarem o convite deverão apresentar-se neste Batalhão no dia 25 do corrente, até às 10 horas, acompanhados das suas cadernetas militares.

Os transportes para se apresentarem neste Batalhão, à Junta no Hospital Militar Regional do Porto e Depósito Militar Colonial, são à custa dos interessados.

QUINTA DE RENDIMENTO

VENDE-SE, para efeito de partilha, a cinco quilómetros de Famalicão. Óptimas casas para senhorio, feitor e caseiros.

Paga de renda quinze carros e meio e produz 60 pipas de vinho. Grandes quintais e pomares.

Facilita-se o pagamento. (76)

Para tratar:

A. J. Ferreira da Cunha.

Largo do Toural — GUIMARÃIS.

Casa dos Pobres

Movimento durante o mês de Maio de 1939:

Subsídios em dinheiro a 198 pobres, 4.570\$00.

Subsídios em dinheiro para renda de casa a 157 pobres, 2.548\$00.

Albergue — Pernoitaram, 336.

Subsídio para transporte aos Inválidos, escudos 20\$00.

Refeições fornecidas a Pobres — Sopas, 11.780; Pratos, 341; Pães, 11.780; Vinhos, 352.

Barbearia — Barbos, 391; Corte de cabelos, 115.

Balneario — Banhos, 505; com despioalhamento, 4.

Yestudrio fornecido — Casacos, 3; Blusas, 2; Calças, 3; Saias, 4; Camisetas, 2; Colchões, 0; Ceroulas, 0; Mantas, 0; Lenços, 0; Bonés, 0; Coletes, 0; Aventais, 2.

Cozinha Económica — Refeições fornecidas a operários — Sopas, 1.098; Pães, 2.239; Pratos, 3.689; Copos de vinho, 1.383.

Refeições fornecidas aos presos da Cadeia, 829.

Refeições fornecidas aos presos da Esquadra, 625.

Lactário Municipal, anexo à Casa dos Pobres — Crianças que transitaram do mês de Abril, 39; Admitidas, 5; Terminaram o aleitamento, 0; Faleceram, 1; Consultas, 17; Pesagens, 115; Leite consumido, 666 lit.; Farinha consumida, 9,500 kgs; Desistiram, 2.

Donativos recebidos — José Garcia, 2 cestos de cebolo; Dr. José da Conceição Gonçalves, 1 vitela; Luiz Cardoso M. M. de Menezes, 1 raza de feijão; Dr. Artur Rodolfo de Abreu, 3 galinhas; Sociedade Protectora dos Animais, 20\$00; Manuel da Cunha Machado, Filhos, 200\$00; Anónimo, 58\$00.

DO CONCELHO

S. Torcato, 16.

Grande Romaria de S. Torcato

No aprazível local do Mosteiro de S. Torcato, um dos mais importantes centros de romagem, realiza-se nos próximos dias 1 e 2 de Julho a denominada Romaria Grande que é, sem dúvida, a maior romaria do Norte de Portugal, com o seguinte PROGRAMA:

PROGRAMA:

No dia 24 de Junho começará uma novena em honra do glorioso Santo e durante ela haverá confesores para atenderem os fiéis que desejem os Sacramentos.

Dia 1 de Julho — A's 17 horas, como conclusão da novena, haverá no magestoso santuário vésperas solenes, com exposição do Santíssimo Sacramento e Sermão. A noite, vistoso festival, com duas bandas de música, fôgo de artifício e iluminações eléctricas com 5.000 lâmpadas.

Dia 2 de Julho — A's 9 horas, Missa Campal; às 11 horas, solenidade religiosa, constando de missa cantada a grande orquestra, sermão e bênção do Santíssimo Sacramento; às 17 horas, saimento da santuosa Procissão, com imenso figurado, seguida do imponente Cortejo Alegórico, à vida do Santo Mártir, sendo a toda a hora atendidos os fiéis que desejem receber os Sacramentos.

A noite, deslumbrante festival com 4 bandas de música, iluminações gerais com 10.000 lâmpadas e fôgo de artifício por afamados pirotécnicos do país, fôgo preso e a frente do templo profusamente iluminada a luz eléctrica. Todas as cerimónias religiosas serão transmitidas ao público por potentes auto-falantes. A

Companhia dos C. de F. do Norte estabelece, de combinação com as restantes linhas, um serviço especial de comboios a preços reduzidos.

Caldas das Taipas, 16.

Festas de S. Pedro

A Comissão promotora das tradicionais festas de S. Pedro a realizar nesta povoação nos dias 28 e 29 do corrente, trabalha com afinco para que as mesmas sejam revestidas do maior brilhantismo.

E' de esperar grande concorrência de forasteiros, especialmente no dia 29, dia em que, às 20 horas, no Parque do Turismo, terá lugar um renhido combate musical entre as *antagonistas* e acreditadíssimas bandas de Revelhe e Pevidém.

Uma e outra costumam fazer-se acompanhar dos seus mais devotados admiradores; de maneira que ao atraente local tudo acorrerá na ânsia de apreciar os excelentes números dos seus vastos e variadíssimos repertórios.

Promete ser deslumbrante a iluminação mixta, de eléctrica e à moda do Minho, com grande profusão de lumes.

Um dos números de grande sensação, deve ser, também, a sessão de fôgo a quático, da confecção do nosso amigo sr. Augusto Fernandes, afamado pirotécnico, que mais uma vez fará a demonstração do seu bom gosto e revelará os seus vastos conhecimentos profissionais.

Durante o dia 29 as festas serão abrilhantadas pela nova Banda das Taipas, sob a regência do sr. Bento Barreto.

TORNEIO

No dia 2 do próximo mês de Julho, terá lugar, no Campo de Jogos, promovido pelo Club de Caçadores das Taipas, o primeiro campeonato de Tiro aos Pombos, com o seguinte programa:

A's 10 horas: — Poule a um pombo, a 25m de distância. Inscrição 50\$00. Prémios — 1.º, Taça Câmara Municipal e 40% das entradas; 2.º, 30% das entradas.

A's 12 horas: — Primeiro Campeonato do Minho — Poule em 15 pombos, a 25, 26 e 28 metros. Inscrição 120\$00. Esperas ao 4.º pombo.

Prémios: — Taça Campeonato do Minho e 2.000\$00; 2.º, 1.000\$00; 3.º, 600\$00; 4.º, 400\$00; 5.º, 6.º e 7.º, objectos de arte.

A's 16 horas: — Poule a um pombo, a 25 metros. Inscrição 30\$00; 1.º, Taça Administrador do Concelho e 40% das entradas; 2.º, 30% das entradas.

Consta-nos que já se acham inscritos alguns atiradores. — C. C.

Vizela, 21.

Vindo da sua bela residência, de Cabeceiras de Basto, já se encontra entre nós, com sua dedicada esposa e querida filha, o nosso prezadíssimo amigo sr. José Fazenda, que desde 1915 frequenta com assiduidade estas Termas, das quais é um acérrimo defensor e devotado amigo.

Durante os 30 dias que sua ex.ª aqui costuma passar, deleita nos sempre com a sua agradabilíssima conversa e captivantes maneiras, pois, apesar dos 63 anos que já conta, o seu espírito possui ainda a vivacidade e eloquência da mocidade!

Ao ex.º Amigo, sr. Fazenda, a sua dilecta esposa e interessante Beby — encantadora flor a desabrochar para a vida — aqui apresentam os nossos cumprimentos de boas vindas, desejando-lhes que encontrem o costumado êxito nos seus tratamentos, a fim de que nos anos seguintes tenhamos o prazer de o vêr voltar.

Muitas são as excursões que agora nos visitam quasi diariamente, mas em maior número aos sábados e domingos.

A quantidade de camionetes e automóveis que por ai estacionam em longa fila, mostra bem o movimento e a animação que se vai notando nestas Termas privilegiadas.

Os excursionistas que nos visitam a vez primeira, e que, por tanto desconheciam a importância da terra, ficam de facto encantados com a beleza destas Termas, com o conforto e primor dos seus hotéis, com a soberba grandiosidade do Parque maravilhoso que nos envaidece, e, sobre tudo, com o valor e a riqueza apreciável, sob todos os pontos de vista, dessa obra gigantesca a que chamamos com orgulho e com carinho o *Balneario das Termas!*

Tem razão de ficar encantado! A melhor propaganda, o melhor reclame são eles que o fazem — e a justiça e a verdade, irmanadas no mesmo sentimento de rectidão — sempre triunfou e há-de triunfar!

Todos os sabem, mas muito particularmente aqueles que ao Balneario vão buscar o alívio ou a cura para os seus males, fazendo com reconhecimento êxito o seu anual tratamento.

De resto, quanto a pessoal, não há ninguém que não faça justiça a nobres qualidades pessoais e ao alto saber profissional: não só do ilustre Director Clínico, como do simpático e digno médico adjunto, respectivamente, ex.ºs srs. drs. Alfredo Pinto e Bravo de Faria; bem como à maneira delicada, captivante e amável como todo o cliente é tratado desde o maior ao mais humilde e obscuro dos empregados.

— Ficou muito bem, na Lameira,

TEATRO MARTINS SARMENTO E M.P.R.S.A. JORDÃO & C.

HOJE, pelas 15 1/2 e 21 1/2 horas

Uma película magnífica e emocionante, magistral esforço cinematográfico sobre a travessia dum deserto por uma caravana de exploradores:

AS MINAS DE SALOMÃO

interpretação de ANNA LEE - PAUL ROBSON - ROLAND YOUNG - JOHN LODER.

SEGUNDA-FEIRA, 26 e TERÇA-FEIRA, 27

COMPANHIA HORTENSE LUZ

representa as engraçadíssimas comédias:

RIQUEZAS DA SUA AVÓ Retumbante sucesso do inverno de 1938. 150 representações em Lisboa.

OS BÉBÉS 200 representações sucessivas no Teatro Avenida, de Lisboa.

Bilhetes à venda. — Preços populares.

QUINTA-FEIRA, 22

A história absorvente dum rapaz de origem humilde que lutou encarniçadamente para vencer na vida

A MULTIDÃO VIBRA

com ROBERT TAYLOR.

Restaurante Palmeira

O melhor Restaurante do Porto é sem dúvida o

Restaurante PALMEIRA

Travessa Passos Manuel, 36

Telefone, 5824. (71) Cândido P. de Faria.

A MAIS DELICIOSA LARANJADA DE PORTUGAL Feita com a puríssima Água do Luso. LUSORANJA. LUSORANJA.

SEMENTE

Couve Penca de Chaves

A melhor qualidade de couve. Muito tenra, repolhuda, grande.

PEDIDOS A FRANCISCO RODRIGUES ALVES

CHAVES.

aquela substituição do gradeamento de ferro, por um resguardo de pedra, com assentos, em volta da nascente da bica de água quente, num estilo moderno e agradável.

— Pedem-nos para aqui se falar em bastantes coisas...

1.ª — voltar à carga sobre *aquele* antigo projecto camarário do embelezamento e redondo em frente à estação do caminho de ferro...

2.ª — sobre *aquele* avenida para o hospital e estrada a ligar para a Cuca...

3.ª — sobre os célebres e decantados mictórios e até sobre retretes, de tanta precisão e necessidade...

4.ª — sobre um caminho que, partindo da Rua do Dr. Pereira de Freitas, perto da Ponte de Pau, dá acesso ao novo campo de futebol, — caminho este que vem a ter, brevemente, um largo e intenso movimento principalmente de automóveis, o que é preciso concertar-se nas devidas condições.

Mas... valha-nos Deus! Não podemos ser extensos, porque o Chefe da Redacção corta... e o nosso Director já ordenou que fôssemos lacónico... para evitar a arrelia da não publicação...

Por isso mesmo, tenham paciência os mais impacientes, que só aos pou-

cos, um assunto por cada vez, e em termos resumidos, poderemos ir tratando das coisas...

Hoje mesmo, havia mais que dizer; mas tem de ficar para a semana...

Já foi excedida um pouquinho a recomendação que temos... — C.

VENDE-SE

Propriedade em Gonça, à margem da estrada, com boa moradia, casa com 6 divisões, toda cercada de ramadas, dando duas pipas de vinho e bastante azeite, tem bom pço com água. Para ver e tratar na mesma com Estêvão Fonseca. (77)

Anunciai no «Notícias de Guimarães» e fareis uma boa propaganda.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

Verdades e factos que a todos interessa conhecer

“ESPAÑA, S. A.

COMPANHIA PORTUGUESA DE SEGUROS,

LISBOA -- Rua da Prata, 156.

Av. dos Aliados, 162 -- PORTO.

EM 1929 o Conselho Superior da República Portuguesa, escreveu:

“ESPAÑA, S. A. — Companhia Nacional de Seguros,

«Dos Estatutos, Memória Técnica e Apólices apresentadas, conclui-se que a Sociedade requerente está correctamente organizada, denotando mesmo progressos muito louváveis e que ainda são raros nas similares Sociedades Anónimas europeias. Entre elles, os que merecem uma mais especial menção, são os seguintes:

1.º — A disposição do Art. 19.º dos Estatutos que prevê a sua transformação de Anónima em Mútua, quando as reservas matemáticas e técnicas, correspondentes aos segurados, forem mais de 50 vezes superiores à importância do capital social.

2.º — A aplicação de 80%, do remanescente dos lucros para os segurados (Art. 52.º dos Estatutos) depois de distribuído ao capital um dividendo regulado pelos Art.º 5.º e 51.º dos Estatutos, e

3.º — O seguro prolongado, que é a redução no tempo em vez de ser no capital, quando não se complete o pagamento dos prémios».

O que disseram os beneficiários dos nossos Segurados:

Em 1930

Lisboa, 8 de Maio de 1930.

Ex.º Sr.
Não quero deixar de consignar também a minha gratidão à España, S. A. pela actividade demonstrada no cumprimento dos seus compromissos, pois, que, decorridos apenas oito dias da entrega dos documentos referentes ao falecimento, deu ordem de pagamento da importância de CINQUENTA MIL ESCUDOS, ou sejam o capital seguro nessa Companhia pela Apólice N.º 20.015.

O que deixo consignado, faço-o sem favor, pois reconheço quanto importante é a missão que as Companhias de Seguros de Vida desempenham na sociedade, quando como a España, S. A., sabem honrar a grande obra social que tem a seu cargo.

Animada pelo sentimento de gratidão que deixo exposto, autorizo a España, S. A. a fazer o uso desta minha carta, que entender por conveniente.

De V. Ex.º
Muito Att.º Obg.º,

(a) Maria da Piedade Correia Gonçalves.

Este seguro esteve em vigor 7 meses.

Em 1931

Casa de Carcavelos — Louzada, 15 de Junho de 1931.

Ex.º Sr.
Com a presente venho agradecer a V. Ex.º a rápida liquidação da quantia de VINTE MIL ESCUDOS, (20.000\$00) importância do capital do Seguro de Vida efectuado por meu espóso Dr. Joaquim Pinto Coelho Soares de Moura, pelo apólice n.º 20.814 com data de 13 de Março de 1931 e falecido em 6 de Maio do próximo passado.

E' de registar o facto de que tendo meu falecido marido outros seguros de vida, é a España, S. A. a primeira a fazer a liquidação o que muito honra essa Companhia.

Agradecendo mais uma vez e autorizando V. Ex.º a fazer o uso que entender desta carta, sou

De V. Ex.
Att.º Ven.º e Obg.º

Emília do Carmo Bacelar Vilas Soares de Moura.

Este seguro esteve em vigor um mês e 23 dias.

Em 1932

Lisboa, 28 de Março de 1932.

Ex.º Sr.
Como beneficiária da apólice n.º 20.707, de Escudos CINQUENTA MIL de capital, emitida por essa Sociedade, sobre a vida de meu espóso, Mário José Pereira Leite e extinta por falecimento do mesmo, não posso menos que expressar a V. Ex.º o meu mais profundo agradecimento ao cobrar o referido capital, pelas facilidades que me deram durante os breves tramites do expediente.

De V. Ex.º, muito obrigada,
(a) Adelina Crispim Leite.

Este seguro esteve em vigor 11 meses e 6 dias.

Em 1935

Pôrto, 26 de Janeiro de 1935.

Ex.º Sr. Agente Geral da España, S. A.
Compañia Nacional de Seguros — LISBOA.

Ex.º Sr.
Tendo meu falecido marido, o Sr. Adalberto Moreira da Rocha Brito, efectuado em tempo 2 Seguros de Vida, na Companhia que V. Ex.º dignamente representa, sendo uma Apólice de Capital Esc. 20.000\$00 e outra de Esc. 10.000\$00, é-me grato constatar que ao cobrar a importância das referidas Apólices, e, pelo facto da morte de meu marido ter sido provocada por um acidente, as mesmas me foram liquidadas PELO DÓBRO DO SEU VALOR, ou seja por Esc. 60.000\$ e tendo recebido mais ainda a importância de Esc. 2.500\$00 quantia esta proveniente da importante participação de lucros que essa conceituada Companhia distribui pelos seus Segurados, por meio de "Bónus de Capital Adicional".

Sendo pois a Companhia España, S. A. merecedora dos maiores louvores e carinhos pelas excepcionais condições das suas Apólices, apresento a V. Ex.º a minha expressiva consideração e agradecimentos pelas facilidades que me proporcionou, pelo que, podendo fazer desta minha carta o uso que julgar por conveniente, termino por me subscrever.

De V. Ex.º, Att.º, Ven.º e Obg.º
(a) Dalila Fernandes Viana da Rocha Brito.

Em 1939

Pôrto, 18 de Março de 1939.

A' Agência da España, S. A. — Companhia Nacional de Seguros — R. da Prata, 156-1.º — LISBOA.

Ex.º Sr. Senhores:

Com vivo prazer, tenho o gosto de testemunhar à Companhia de Seguros de Vida "Espana, S. A.", os meus melhores agradecimentos pela solicitude e boa vontade com que me atenderam na liquidação das Apólices por mim contratadas nessa Companhia em conjunto com minha falecida espósa, no capital de 20.000\$00 (vinte mil escudos), Apólices N.º C. 23.763 e 24.019.

Assim, cumpro o grato dever de enaltecer a superior organização dessa Companhia, e, testemunhando-lhes a maior consideração, sou

De V. Ex.º, Mt.º Att.º Ven.º e Obg.º,
(a) Afonso da Silva.

Esta última Apólice esteve em vigor 10 meses.

Em 1933

Pôrto, 18 de Janeiro de 1933.

Ex.º Sr. Agente Geral da España, S. A.
Compañia Nacional de Seguros — LISBOA.

Ex.º Sr.
Na qualidade de beneficiários, como Mãe e Espósa do falecido e saudável João da Costa Carvalho, segurado nessa importante Companhia pela Apólice n.º 20.148, da quantia de CINQUENTA MIL ESCUDOS e mais DOIS MIL E QUINHENTOS ESCUDOS correspondente aos "Bónus de Capital Adicional", com que o Capital inicial da Apólice foi aumentado, pela importante participação de lucros que essa prestimosa Companhia distribui pelos seus Segurados, vimos pela presente manifestar a V. Ex.º o nosso melhor agradecimento pelas facilidades que nos proporcionaram na liquidação integral das importâncias supracitadas.

Pela nossa parte não deixaremos de muito gostosamente recomendar as operações dessa Companhia a todas as pessoas das nossas relações e podendo V. Ex.º fazer desta nossa carta o uso que julgarem conveniente, terminamos por subscrevermo-nos com a mais elevada consideração

De V. Ex.º
Mt.º Att.º Ven.º e Obg.º

(a) Maria Augusta da Cunha Carvalho,
(a) Arminda dos Santos Castro Carvalho.

Este seguro esteve em vigor 2 anos e 2 meses.

Em 1934

Lisboa, 18 de Setembro de 1934.

Ex.º Sr. Agente Geral da España, S. A.
Compañia Nacional de Seguros — LISBOA.

Ex.º Sr.
E' como beneficiária da apólice n.º 20.712 contratada nessa importante Companhia por meu falecido marido, Dr. José Martinho Simões, que venho agradecer a V. Ex.º as facilidades que me proporcionou na liquidação desse Seguro e testemunhar-lhe o meu grande apreço por tão benéfica Sociedade pois que contra entrega de todos os documentos solicitados, e decorridos apenas oito dias, fez-me a liquidação da quantia de CENTO E SESSENTA E UM MIL E DUZENTOS E CINQUENTA ESCUDOS; ou seja CENTO E CINQUENTA MIL ESCUDOS de capital subscrito pela mencionada apólice e mais ONZE MIL DUZENTOS E CINQUENTA ESCUDOS referentes aos "Bónus de Capital Adicional", que provém da importante participação de lucros que essa Companhia distribui pelos seus segurados.

Assim pois, é com o maior gosto que enalteço a superior organização dessa acreditada Companhia, pelo que autorizo V. Ex.º a fazer desta minha carta o uso que julgar por conveniente e termino por me subscrever

De V. Ex.º
Muito Att.º, Ven.º e Obg.º
(a) Ester Ramos Martinho Simões.

Em 1937

Figueira da Foz, 15 de Abril de 1937.

A' España, S. A. — Companhia Nacional de Seguros — LISBOA.

Ex.º Sr.
Como beneficiária da apólice do seguro feito por meu pai, Ex.º Sr. António Marques Murta, falecido na Figueira da Foz, em 5 do corrente, e tendo decorrido unicamente 10 dias entre a data de entrega dos necessários documentos e o pagamento de CINQUENTA MIL ESCUDOS do capital inicial e mais SEIS MIL DUZENTOS E CINQUENTA ESCUDOS dos "Bónus de Capital Adicional", que me correspondem como participação de lucros, de acordo com a apólice — é-me grato exprimir a V. Ex.º o meu agradecimento, pela rapidez na liquidação e facilidades que me foram dadas.

Com toda a estima e consideração, subscrevo-me

De V. Ex.º
Mt.º Att.º, Ven.º e Obg.º
(a) Otilia Pessoa Murta Lourenço.

Em 1938

Pôrto, 20 de Maio de 1938.

A' España, S. A. — Comp.ª Nacional de Seguros — LISBOA.

Ex.º Sr.
Acabam V. Ex.º de entregar-me a quantia de Esc. 100.000\$00, (cem mil escudos), referente ao seguro que meu falecido Espóso efec-

tuou nessa conceituada Companhia, pela apólice n.º 20.982, em Abril de 1931, que agradeço.

Dadas a rapidez e atenção que V. Ex.º dispensaram a este assunto, pois que, poucos dias transcorridos sobre a entrega dos documentos comprovativos, procediam à liquidação do Seguro, é-me grato manifestar-lhes a minha consideração por essa Companhia, que tão brilhantemente sabe assumir os seus compromissos e dignificar-se pela sua maneira de trabalhar.

O vosso procedimento é, na realidade, o argumento mais poderoso para todos os que, procurando garantir o futuro dos seus, procuram a "Espana, S. A.", Companhia Nacional de Seguros.

Poderão V. Ex.º fazer desta carta o uso que entenderem, e sem outro assunto creia-me

Mt.º Obg.º Att.º Ven.º
Hermínia Barbot Ferreira Aroso Maia.

Estas cartas foram retiradas ao caso de entre as numerosas que nos têm sido dirigidas e se encontram arquivadas nos nossos escritórios.

Pela disposição 3.ª da especial menção referida pelo Conselho de Seguros da República Portuguesa ao pronunciar o seu douto parecer sobre as vantagens *liberalíssimas* — as mais liberais até hoje conhecidas — da Apólice da "Espana S. A. — Companhia Nacional de Seguros", vemos que tal disposição se ocupa do SEGURO PROLONGADO — que é a redução no tempo em vez de ser no capital, quando não se complete o pagamento dos prémios.

Esta disposição, reconhecida por quem de direito, e muito conscienciosamente, como uma das vantagens flagrantes a assinalar da Apólice da "ESPAÑA S. A." a favor dos seus Segurados, acaba de provar nitidamente na recente guerra civil em Espanha, a sua grande e extraordinária oportunidade.

Quantos Segurados e Beneficiários de Apólices não perderam os seus direitos aos capitais seguros, por as disposições das suas Apólices deixarem de conter cláusulas de garantia como as que ressaltam na Apólice da "ESPAÑA S. A."?

Em contrário, quantos e quantos Segurados e Beneficiários de Apólices de Seguros de Vida contratadas na "ESPAÑA S. A. — COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS" não bem-dizem da boa hora em que contrataram os seus Seguros nesta importante e acreditada Companhia, — que de uma maneira tão formal lhes acautelou e defendeu os seus legítimos interesses?

Para melhor esclarecimento do caso que se apresenta, oferecemos em síntese a seguinte exemplificação:

Um Segurado da "ESPAÑA, S. A." cujo Seguro tenha 3 ou mais anos em vigor, tem garantida a integridade do capital-total subscrito na sua Apólice — livre de qualquer pagamento de prémios — durante o seguinte período de tempo:

Idade do Segurado (exemplo) 30 anos; período da Apólice em vigor 3 anos; — PROLONGAMENTO DO SEGURO (livre de qualquer pagamento de prémios) durante sete anos e um mês. (Em Seguro Mixto a 20 anos de prazo).

Idade do Segurado 35 anos; período da Apólice em vigor 5 anos; PROLONGAMENTO DO SEGURO (livre de qualquer pagamento de prémios) durante três anos e onze meses. (Em Seguro de Vida Inteira).

Idade do Segurado 40 anos; período da Apólice em vigor 6 anos; PROLONGAMENTO DO SEGURO (livre de qualquer pagamento de prémios) durante sete anos e seis meses. (Em Seguro de Vida Inteira com prémios limitados a 20 anos), etc.

As Apólices da "ESPAÑA, S. A." garantem, além do importante aumento progressivo do capital subscrito pela aplicação dos "BONUS DE CAPITAL ADICIONAL", outros benefícios de extrema importância e garantia, como sejam:

a) Liberdade completa do segurado no que respeita a residência, viagens e ocupação, garantidas no mundo inteiro, SEM PAGAMENTO DE QUAISQUER SOBRE-PRÉMIOS;

b) A garantia do risco de morte ficar coberto de uma maneira geral e absoluta, seja qual for a causa que o origine, sem excluir os riscos de GUERRA, REVOLUÇÃO ou SUICÍDIO;

c) A indisputabilidade da Apólice;

d) Os seus COMPLEMENTARES que garantem no caso da INVALIDEZ DO SEGURADO a dispensa do pagamento dos prémios do Seguro, o qual continuará em pleno vigor, como se os prémios dispensados fossem pagos, e ainda uma renda anual de 12% sobre o montante do capital subscrito, SEM PREJUDICAR EM NADA o valor da Apólice, cuja importância total será paga no seu vencimento ou por morte do segurado;

e) Nos casos de MORTE POR ACIDENTE, o pagamento do DÓBRO DO CAPITAL seguro pela Apólice-Vida.

Pedir todas as informações e prospectos-explicativos à Delegação no Pôrto.

Avenida dos Aliados, 162-1.º --- PORTO --- Telef. 5303.